

[ENTREVISTA]

Conquistas e desafios para um cinema *mahala*¹ em Moçambique: entrevista com Ivandro Maocha, criador da plataforma de *streaming* NetKanema

Achievements and challenges for a *mahala*² cinema in Mozambique: interview with Ivandro Maocha, creator of the streaming platform NetKanema

Paola Diniz Prandini

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

Pesquisadora-visitante da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, Moçambique. E-mail: paprandini@gmail.com.

Em uma manhã do mês de julho de 2022, tive o prazer de receber, em minha casa, na cidade de Maputo (Moçambique), o moçambicano Ivandro Maocha. Mais que um engenheiro informático, estive acompanhada, por cerca de 1h30, de um empreendedor que, literalmente, corre atrás da realização de seus sonhos. Casado e com 43 anos de idade, Maocha me visitou – juntamente com a sua esposa – para uma conversa informal acerca da plataforma de *streaming* *NetKanema*, por eles criada, e que é a única do país para a disseminação on-line de produções audiovisuais históricas e contemporâneas realizadas por pessoas originárias da terra natal do revolucionário Samora Machel, que lutou, durante anos, contra a colonização portuguesa e celebrou a independência moçambicana no ano de 1975.

Enquanto brasileira, radicada em Maputo há mais de três anos, poder estabelecer contato com pessoas que amam o cinema, tanto quanto eu, tem sido demasiadamente prazeroso. Durante toda a minha estadia nesta cidade (minha segunda casa por eleição), tenho tido a oportunidade de estabelecer vínculos com cineastas de diferentes países que têm a língua portuguesa enquanto idioma oficial, uma vez que sou curadora da *Mostra de Cinema Contemporâneo em Língua Portuguesa*. Em 2023, chegamos à terceira edição do evento, que já foi palco para a exibição de narrativas

¹ *Mahala*, em livre tradução para a língua portuguesa, significa “gratuito/a”.

² *Mahala*, freely translated to English, means “for free”.

cinematográficas (curtas e longas-metragens) de Angola, do Brasil, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Macau, de Moçambique, de Portugal, de São Tomé e Príncipe e de Timor-Leste. Uma verdadeira ponte simbólica, estabelecida por meio de filmes, que muito têm a dizer sobre nós, falantes de português, espalhadas e espalhados pelo mundo afora. Isso tudo graças ao essencial apoio das organizações moçambicanas Fundação Fernando Leite Couto e Mbenga Artes e Reflexões, parceiras na jornada desde o início do projeto, idealizado e produzido pela Afroeducação (empresa social brasileira da qual sou co-fundadora).

Para não me alongar demais, encerro esta breve introdução do resultado do diálogo entre mim e Ivandro Maocha, com a esperança de que os temas aqui apresentados possam vir a colaborar para a urgente ampliação da indústria cinematográfica moçambicana e para o devido reconhecimento do vanguardismo presente na plataforma de streaming *NetKanema*, protagonista em nossa conversa.

Por fim, ressalto que esta conversa foi proposta como parte da pesquisa realizada para a redação do artigo intitulado “É possível decolonizar o audiovisual? Um estudo de caso da plataforma de streaming moçambicana *NetKanema*”, de autoria de Anderson Lopes, Flávia Suzue Ikeda, Paola Prandini e Tomaz Penner, publicado como parte dos Anais do Congresso ALAIC, em 2022³.

REVISTA INTERIN - *Para começar a nossa conversa, conte-me, por favor, quem criou a plataforma NetKanema?*

Ivandro Maocha - Oficialmente, a plataforma foi criada por mim, como um produto da Maocha's Filmes, que é a empresa por detrás da *Netkanema*. Inicialmente, não tínhamos interesse em dar visibilidade a quem estava por detrás desta iniciativa, mas, por causa das campanhas de divulgação, dos contatos com cineastas, acabamos aparecendo. Começou a ficar óbvio e evidente que este senhor aqui é quem estava por detrás disto tudo.

³ O artigo está disponível, para leitura, no seguinte endereço eletrônico: <<https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/396>>.

INTERIN, v. 28, n. 2, jul./dez. 2023. ISSN: 1980-5276.

Paola Diniz Prandini. Conquistas e desafios para um cinema *mahala* em Moçambique: entrevista com Ivandro Maocha, criador da plataforma de *streaming* NetKanema. p. 214-221. DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N2.pp214-221

REVISTA INTERIN - *Quais são os objetivos da plataforma?*

Ivandro Maocha - Desde muito novo, minha tendência foi sempre procurar, como empreendedor, soluções para os nossos problemas. A intenção da Maocha's Filmes sempre foi a de formar uma empresa que viesse agregar valor à produção de conteúdos audiovisuais. Mas a prática mostrou-me que não é bem assim, não é por existir uma empresa que tem a intenção de fazer um filme, que o filme vai aparecer, exato? E isso tem a ver com financiamentos e política, etc. Então, comecei a lembrar-me da minha infância. Do tempo em que os nossos pais nos levavam para salas de cinemas, para assistir títulos antigos, como "O tempo dos leopardos", "O vento que sopra do Norte" e, na altura, falava-se muito do Kuxa Kanema, aquele documentário sobre o início do cinema cá, dirigido pela Margarida Cardoso e lançado em 2003. Mas o tempo passou, eu já estou com mais de quarenta anos, e ninguém fala disso mais, quase ninguém sabe sobre o cinema de Moçambique. No início, inclusive, criamos um slogan na plataforma que era: "Quantos filmes moçambicanos conheces?". E constatamos que a maioria dos moçambicanos não conseguia atingir os cinco títulos. Não conhecia cinco obras feitas cá. Então isso passou a ser nosso desafio. Como já estávamos familiarizados com a *Netflix*, e talvez pelo fato de eu ser engenheiro informático, foi mais fácil para mim pensar num aplicativo ou numa forma informatizada de como eu resolveria a questão e daí me veio essa linha de pensamento, para criar a *NetKanema* como plataforma digital, sendo fiel ao princípio de ser um espaço de cinema moçambicano exclusivamente.

REVISTA INTERIN - *A NetKanema sempre foi uma plataforma independente?*

Ivandro Maocha – Sim, sempre foi uma plataforma independente e digital. Afinal, a única forma de fazer aparecer o cinema é fomentar o próprio cinema. No caso, é um sítio onde se pode ver filmes moçambicanos. O meu interesse principal é que o cinema em Moçambique apareça. Porque, nos tempos da minha infância, nós éramos o país número 1 ou 2 no ranking do audiovisual em África, em termos de visibilidade. Quando criamos a *NetKanema*, acreditávamos que o público ia aderir e nós, obviamente, havíamos de começar a fazer algum dinheiro para financiar novas obras, além de ser também uma forma da própria plataforma se manter ativa, mas a realidade mostrou que o cinema não fazia parte da cultura do moçambicano em geral, então não

seria por um passo de mágica que teríamos os moçambicanos lá conosco. E isso começou a nos fazer pensar em outros caminhos e um deles era uma parceria com a televisão. Mas, nesses três anos de existência da plataforma, as emissoras só demonstraram ter interesse em divulgar as obras, a partir da premissa de que os autores teriam os seus conteúdos divulgados em formato de parceria, mas sem remuneração, com promessas de um futuro que não parecia chegar, pois era sempre a mesma ladainha e os realizadores não estavam a ter retornos financeiros necessários, apesar de os filmes aumentarem a grelha, a audiência e de haver os intervalos com publicidade, o que significava que as emissoras estavam a ganhar alguma coisa.

REVISTA INTERIN - *Então esse tipo de parceria não se manteve... mas como tem sido a questão do financiamento, atualmente?*

Ivandro Maocha – Na verdade, com o passar do tempo, as emissoras de TV a cabo também começaram a mostrar interesse em exibir os filmes que estavam na nossa plataforma, mas, por serem instituições que já são maduras na área, nunca vieram apenas a nos pedir por um filme. Começaram a nos colocar os valores que poderiam pagar pela exibição de filmes nacionais, então passamos a ter contratos com, geralmente, dezoito inserções durante um ano, por um valor fixo estabelecido pelas emissoras. Então, agora, para além de sermos uma plataforma de streaming, também passamos a ser distribuidores. Temos licenças da área audiovisual e de distribuição de filmes em Moçambique. Dessa forma, o desafio, atualmente, é convencer os cineastas a confiarem na Maocha's Filmes para lhes representar nessa distribuição dos seus filmes. O que é interessante é que, até agora, todos aqueles que confiaram na plataforma são da "velha guarda", como os cineastas Sol de Carvalho, Licínio Azevedo, João Ribeiro, etc. Acho que essas mentes já estavam abertas para entender que o mercado funciona assim agora, não é? Mas ainda nem todos os videomakers moçambicanos conseguiram olhar para a plataforma como o caminho para resolvermos alguns dos nossos problemas. Talvez porque trabalham de forma muito particular e individualista. Acreditam, de alguma forma, que eles - por si só - vão conseguir furar o mercado. Essa parte eu ainda não consegui transmitir aos cineastas, sobre a importância do trabalho em conjunto.

REVISTA INTERIN - *Há ou já houve alguma parceria com festivais internacionais ou organizações de outros países que pudessem trabalhar conjuntamente com a NetKanema?*

Ivandro Maocha – Se a obra não tem qualidade, não passa. Já houve tentativas nossas de tentar exportar o que se faz em Moçambique, mas a nossa qualidade de filmes é tão baixa - segundo os parâmetros do mercado internacional - que acaba não passando. Praticamente, não temos obras para mostrar nesses espaços, aí está a importância de fomentar o cinema local, financiar e procurar arranjar formas de começarem a aparecer coisas de qualidade por cá.

REVISTA INTERIN - *A ideia de ter uma versão - grande e gratuita - do catálogo está ligada à missão de popularizar o cinema moçambicano ou a outra estratégia?*

Ivandro Maocha – Ficamos com a missão de popularizar, sim. Porque temos filmes experimentais no catálogo, daqueles que são filmados com telefones celulares, por exemplo. Porque muitos deles já estão no YouTube, mas, para encontrar um filme, tem que se vasculhar a internet toda. Eu fiz esse tipo de pesquisa, mas quantos moçambicanos têm a paciência de andar na internet a procurar quando um moçambicano está a fazer um filme? Seria muita dor de cabeça fazer isso, né? Minha intenção é mostrar aos cineastas que podem ter na *NetKanema* uma espécie de loja, um cartão de visitas.

REVISTA INTERIN - *Essa versão gratuita, na percepção de vocês, colabora para ter mais assinantes, gera mais visibilidade, ou não necessariamente?*

Ivandro Maocha – Inicialmente, pensávamos que sim. Testei esse formato e até criei uma campanha que se chamava "Cinema Mahala", com disponibilização de filmes gratuitamente, mesmo de alguns cineastas que tinham apenas obras pagas na plataforma, durante um determinado período. Teve sucesso, mas, tão logo voltaram ao modo 'cobrado', já o número de acessos não era mais tão grande, além de que o número de subscritores novos é tão pequeno que eu poderia até dizer que, de cem pessoas que assistem gratuitamente, apenas uma se torna assinante.

REVISTA INTERIN - *E qual é o perfil do público assinante da plataforma?*

Ivandro Maocha – Estamos a falar de cidadãos da província de Maputo, de classe média-alta porque a única forma de fazer pagamento na plataforma é via cartão de crédito. E a maioria da população não tem esse acesso. Há também cidadãos moçambicanos na diáspora e alguns pesquisadores, de outros países, que já demonstraram interesse em aceder à plataforma.

REVISTA INTERIN - *Já houve alguma produção original NetKanema, como as que existem na Netflix e que têm se tornado cada vez mais comuns por lá?*

Ivandro Maocha – Isso já aconteceu, mas num formato pequenino, caseiro mesmo, porque são duas curtas-metragens minhas, em que estive como diretor. São "O início do fim" e "O Quintal", em que eu gravei com a minha filha. Mas, se conseguíssemos ter capital financeiro para financiar mais obras, faríamos com todo o gosto, afinal acreditávamos nisso quando disponibilizamos a seção paga da plataforma, a fim de conseguir atingir essa meta.

REVISTA INTERIN - *Eu sei que, na plataforma, também há algumas séries publicadas. Elas estão disponíveis também em outros canais?*

Ivandro Maocha – Sim, por isso, lá na *NetKanema*, não estão sendo cobradas para visualização. Via de regra, são produções que foram exibidas antes, em outras plataformas e, depois, passaram a fazer parte do nosso catálogo.

REVISTA INTERIN - *E vocês percebem alguma influência da plataforma na produção audiovisual moçambicana? Houve algum tipo de impacto proporcionado pelo fato de o filme ter sido disponibilizado na NetKanema?*

Ivandro Maocha – Como a nova geração de cineastas moçambicanos ainda está cética em relação ao nosso trabalho, pois parecem esperar que a *Netflix* bata à porta deles para pedir por seus filmes, não vejo ainda um impacto nesse sentido. Mas, no exterior, eu percebo que há um impacto, principalmente, em relação ao acesso a essas cinematografias de forma on-line, motivando estudos como este que estás a fazer, em países fora de Moçambique, mais especialmente no Brasil.

REVISTA INTERIN - *Em relação a projetos audiovisuais dos países de língua portuguesa, seja aqui em África ou em outros países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, há alguma parceria nesse sentido?*

Ivandro Maocha – Por enquanto, só tivemos relação com a plataforma de streaming angolana *Tellas*. Mas a troca de filmes se dá mais daqui pra lá do que o inverso, pois, na *NetKanema* só temos produções nacionais, então apenas o *Tellas* quem chegou a disponibilizar alguns dos filmes moçambicanos por lá, mas isso já nem está mais a acontecer, atualmente.

REVISTA INTERIN - *Já, agora, em relação às línguas faladas nos filmes que são exibidos na plataforma, há a obrigatoriedade de os conteúdos serem em português ou legendados em língua portuguesa?*

Ivandro Maocha – Sim, porque a língua nacional, a que nos une, é o português. Mas inovamos em nossa plataforma, porque há, na *NetKanema*, mais de vinte obras faladas em línguas nativas de Moçambique, legendadas em língua portuguesa pelos próprios realizadores. Os filmes gratuitos, normalmente, podem ser vistos em qualquer canto do mundo, mas há alguns que só se vê se estiver em Moçambique porque os direitos autorais ali só estão disponibilizados para transmissão local.

REVISTA INTERIN - *Vocês têm pensado em possíveis melhorias, por exemplo, em relação à experiência do usuário da plataforma? Que possa vir a gerar uma maior personalização do conteúdo, por exemplo?*

Ivandro Maocha – A plataforma está construída em cima de uma estrutura alugada, uma vez que não há financiamento ou um número de assinantes suficiente para suportar este nosso sonho, portanto selecionamos a interface que desse a melhor experiência possível, mas que também não pesasse muito no nosso bolso, já que autofinanciamos o projeto. Percebemos também que, se tivéssemos a plataforma em espaços como Apple Store ou para baixar no Android, talvez tivéssemos maiores retornos financeiros também, mas isso ainda não é viável. Além disso, também acredito que, se fosse possível usar modalidades de pagamento locais, como *MPesa* ou *conta móvel*, isso poderia vir a nos trazer mais usuários pagantes, mas ainda não chegamos lá. E também a divulgação da existência da plataforma e de seus conteúdos

pode vir a ser melhorada. Então temos essa 'ginástica', que se resume à falta de financiamento, infelizmente.

REVISTA INTERIN - *Em termos de captação de recursos, quais as estratégias que vocês têm tentado fazer, para além da subscrição?*

Ivandro Maocha – Ainda apenas em forma de estratégia, mas nenhuma executada. Como a criação de festivais e de concursos de cinema próprios, principalmente de curtas-metragens.

REVISTA INTERIN - *O problema, nesse caso, é que existe uma concorrência também aqui em Moçambique. O Centro Cultural Moçambicano-Alemão (CCMA), em Maputo, já realiza um concurso de curtas-metragens, por exemplo.*

Ivandro Maocha – Eu não acho que seja uma concorrência, eu acho que todos aqueles que estiverem a fazer um concurso, um festival, estão a ajudar o cinema moçambicano a aparecer. Eu nunca os vejo como concorrentes. Neste exato momento, estou em negociação para tornar o CCMA um parceiro ativo nosso, para que todas as obras passassem a ficar automaticamente na plataforma. Porque o repasse financeiro que a organização oferece a quem participa do concurso é baixo, mas, para mim, o que mais importa é que se propaga aos cineastas moçambicanos que, se tiverem força de vontade, não será pelo dinheiro, mas é participar para agregar à nossa experiência e ampliar as nossas redes locais.

REVISTA INTERIN - *Faz todo sentido, se houver esse sentimento de coletividade, aplicado na prática, tudo ficaria bem mais fácil para todo mundo. Feliz em saber que pensas assim. Agradeço pelo seu tempo e pela conversa tão significativa!*

Ivandro Maocha – Vamos seguir na batalha, para fazer as coisas acontecerem, da melhor forma possível sempre. Muito obrigado pela oportunidade!

Recebido em: 27.03.2023

Aceito em: 10.05.2023